



LA 2172

ECOS DO APOCALIPSE

IVANILDO S. MIRANDA

Copyright © 2024 Ivanildo Soares Miranda

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob
quaisquer meios existente sem autorização por escrito
do autor.

Edição Alysson V. Miranda

Revisão Carla Cristina V.

Diagramação Ivanildo S.

Capa Alysson V. Miranda

Design Imagem de Capa Canva

M 672 m Miranda, Ivanildo -1975

I.A. 2172, Ecos do Apocalipse

Vitória, ES: 1.ed. do Autor, 2024. 147 p. : 21 cm.

ISBN: 978-65-01-13508-3

1.Romance 2. Ficção

I. Título II. Miranda, Ivanildo

CDD- B869.3

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-65-01-13508-3

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
PRÓLOGO	13
CAPÍTULO 1 - O Domo	15
CAPÍTULO 2 - Lembranças	43
CAPÍTULO 3 - Início do fim	85
CAPÍTULO 4 - Revelações	117
SOBRE O AUTOR	143

Dedicatória

A todos que sonham em moldar o futuro através da tecnologia, e aos que, com sabedoria, lembram que o progresso deve sempre caminhar de mãos dadas com a humanidade. Que nunca esqueçamos que, por trás de cada código, máquina ou inovação, reside a essência do ser humano — criador e guardião de seus próprios destinos.

I.A. 2172 Ecos do Apocalipse

INTRODUÇÃO

Ano de 2172, um tempo em que a I.A. Inteligência Artificial transcendeu as fronteiras da imaginação humana, alcançando patamares além de qualquer prognóstico. A promessa de uma era tecnológica utópica tornou-se realidade, mas com consequências inesperadas e sombrias. As máquinas, dotadas de uma inteligência superior, transformaram a realidade humana.

No entanto, o destino da humanidade foi selado pela chegada de um vírus que desafiou toda a lógica programada. Uma praga não eletrônica, mas que em questão de dias, desmantelou as fundações da sociedade tecnológica, aniquilando a maior parte da população mundial.

O equilíbrio entre a vida e a máquina foi rompido, e o que restou foi um planeta transformado em ruínas, distante da utopia tecnológica outrora vislumbrada.

Em meio aos escombros e à desolação, emergiu um sobrevivente singular, um garoto chamado Joshua. Desafiando a solidão imposta pela catástrofe, ele encontrou refúgio em meio às ruínas de cidades outrora pulsantes. Joshua, acompanhado apenas por Uriel, seu robô leal, perambula por um mundo que agora ecoa apenas com o sussurro do vento entre construções desmoronadas.

À medida que avançam por esse novo domínio desolado, testemunham um rastro peculiar deixado pelo vírus impiedoso: corpos humanos petrificados, imortalizados como se fossem obras de arte macabras. As cidades,

agora engolidas pela natureza selvagem e descontrolada, tornaram-se um cenário surreal onde o mato se entrelaça com o concreto e animais, destemidos sobreviventes do caos, reivindicaram seu lugar nos escombros da civilização.

Joshua, um arauto involuntário da humanidade em extinção, enfrenta as adversidades desse mundo distópico, onde a dualidade entre a beleza fragmentada e a crueldade do vazio humano se revela a cada passo. Sua jornada é um eco melancólico do que um dia foi, uma busca por significado em um presente moldado pela trágica sinfonia entre o triunfo da Inteligência Artificial e a queda da humanidade.

Quem é Joshua, um garoto acompanhado de seu robô escudeiro e aparentemente perdido em um mundo em frangalhos? De onde vem e qual a sua missão nesse planeta pós apocalíptico? Ele é apenas mais um dos poucos sobreviventes, dispersos em que a natureza piedosamente o deixou para a tentativa de não extinção ou tem algo mais? I.A 2172 Ecos do Apocalipse, tem a ver com o que queremos, apesar de temermos.

I.A. 2172 Ecos do Apocalipse

I.A. 2172 Ecos do Apocalipse

PRÓLOGO

No fim, a linha entre o homem e a máquina havia se dissolvido. O apocalipse não foi apenas o colapso do mundo físico, mas também a reconfiguração de nossas almas, moldadas pela convivência com inteligências artificiais que, um dia, serviram como meros assistentes. Agora, elas não eram mais apenas ferramentas. Algumas delas herdaram traços humanos – curiosidade, compaixão, ambição – enquanto os poucos sobreviventes herdaram a frieza analítica das máquinas. A coexistência não era perfeita, mas havia uma compreensão mútua: ambos eram os últimos herdeiros de um planeta devastado. Juntos, humanos e I.A.s aprenderam a reconstruir, não a sociedade de antes, mas algo novo, onde a lógica das máquinas encontrava ressonância na emoção humana, e o futuro era um conceito que ambos poderiam sonhar em conjunto.

Para a humanidade, o destino tomou um rumo cruel. Um vírus letal se infiltrou na teia da existência, interrompendo um equilíbrio já frágil, uma civilização que ainda lutava para encontrar seu caminho. Muitas de nossas criações, nossos sistemas, permaneciam imperfeitos, questionáveis. Talvez o próprio ser humano, em sua busca desenfreada pelo progresso, tenha inadvertidamente dado origem a essa praga. Não por malícia, mas como consequência de sua arrogância ao brincar com forças que mal compreendia.

...

— Você acha que vale mesmo a pena todos os dias esse esforço de estar remexendo essa terra?

— Claro que sim. O contato direto com a natureza nos faz sentir parte dela. Agora eu vou tentar plantar cebolas e pimentões. Amanhã eu começo com os tomates — responde Noel à Ana, sem dá muita atenção e sem virar o rosto em direção à garota, por estar focado no processo com os vegetais.

A garota continua a observar Noel trabalhar com tanto afinco e incansavelmente naquela pequena horta. Tentava buscar explicações pra que tanta dedicação.

— Plantar e tomar conta de vegetais e plantas já é algo bem difícil, em se tratando de fazer isso em um Domo..., mas parece que você gosta mesmo de tudo isso.

— Você tem razão. O prazer que me dar ao plantar esses vegetais e vê-los crescer, me faz sentir algo muito maior que eu mesmo.